

UNIVERSIDADE DO ESPORTE
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO ESPORTIVA

LINHA DE FRENTE
DA MALANDRAGEM À MORALIZAÇÃO

FRANCISCO STURM ANTUNES

CURITIBA
2003

FRANCISCO STURM ANTUNES

LINHA DE FRENTE
DA MALANDRAGEM À MORALIZAÇÃO

Este trabalho é pré-requisito
para conclusão do curso de
especialização, apresentado
pelo aluno Francisco Sturm
Antunes.

CURITIBA
2003

SUMÁRIO

Capítulo I

Introdução.....	1
A figura e a participação do atleta.....	4
O decálogo do atleta.....	5
Manual do técnico.....	6
O técnico.....	8
O decálogo do técnico.....	10
CPI da NIKE da Câmara dos deputados.....	11
CPI do Senado.....	14
Pesquisa lance-ibope.....	15
Ética.....	19
Ética no esporte.....	21
Futebol é coisa séria.....	24
Falta de ética da cartolagem denigre a alma nacional.....	27

Capítulo II

Olhai os primeiros entre os últimos.....	33
Malandragem.....	35
Administração e Organização do esporte.....	39
Como são os dirigentes que dominam o futebol no Brasil.....	41
Estrutura de poder nos clubes.....	42
A hierarquia no futebol brasileiro.....	43
Anatomia da crise.....	43
Membros do COL.....	49
Conclusão.....	51
Bibliografia.....	54

LINHA DE FRENTE

Da malandragem à Moralização

INTRODUÇÃO

É um fato real, que na atualidade vivemos um momento de euforia esportiva, expressiva de alta significância, cercada de tecnologia, envolvendo um grande mercado comercial, muito dinheiro, status e poder. A cada recorde mundial quebrado em várias modalidades olímpicas ou não, a profissionalização e a sofisticação do Sistema Estrutural Esportivo, torna-se paulatinamente mais lucrativo e poderoso globalmente. Pareceria descabido não observar que em algumas situações, as atitudes tomadas fogem do científico e do racional, em favor dos interesses estranhos ao esporte. Gerando intrigas, indignações, dúvidas, não transparência, tornando seus autores pessoas egoístas, ecléticas e não democráticas. Levando-se em conta os três segmentos da ADMINISTRAÇÃO a nível mundial, brasileira e paranaense, mais os segmentos dos clubes esportivos e os patrocinadores, temos na outra extremidade os jogadores, os torcedores-consumidores do produto chamado esporte, estes últimos parecem ser os maiores prejudicados assim como os trabalhadores sob a ótica capitalista, estão a serviço dos dominantes que os exploram e os fazem massa de manobra para se perpetuarem no poder. O ideal olímpico do Barão de Coubertain “O importante é competir” está sendo jogado no lixo, gerando resultados esportivos duvidosos e direcionados.

De uns anos para cá, toda imprensa falada e escrita refere-se com insistência sobre a necessidade urgente de debater fórmulas para amenizar a falta de moralidade e ética nas instituições públicas e privadas do Brasil e do mundo. Este fenômeno social que a falta de relações governamentais, empresariais e a população em geral, tem causado muita insegurança, desconfiança e mal-estar na cabeça das pessoas. Na medida que refletirmos

sobre o comportamento moral individual ou coletivo, percebemos a diferença de outras formas de comportamento humano, como a religião, a política, o direito, a atividade científica, a arte, o trato social e o esporte. Destes valores surgem outros valores como a responsabilidade, a liberdade da vontade, cidadania, princípios, normas, razão e a verdade.

A Ética é a ciência ou a teoria do conhecimento e explicação da moral. Sendo assim nada mais justo e correto recorrer a ela para tentar descobrir o caminho certo e científico que percorre todo o trajeto que começa na malandragem, passando pela Administração, Sociologia, Economia, Direito até chegar no esporte propriamente dito.

Parece possível cada vez mais visualizar a simbiose do Sistema Capitalista com o Sistema Estrutural Esportivo Mundial, onde a globalização está concentrando os lucros e socializando a miséria. Só para citar um exemplo ilustrativo sabemos que no ano de 2000 84% dos jogadores profissionais de futebol do Brasil recebiam até 2 salários mínimos mensais, de acordo com documentos oficiais do Departamento de Registro e Transferência da Confederação Brasileira de Futebol – a CBF. Por outro lado, a CBF recebeu no ano de 2001 a quantia de 25 milhões de dólares só de patrocínio da NIKE e AMBEV com a seleção brasileira de Futebol. Tudo isso pressupõem que coisa errada nessa contabilidade e Legislação.

O presente trabalho, foi dividido em dois capítulos. O primeiro está voltado para ética e comportamento ético. Mostra também aspectos sociológicos ocorridos dentro e fora do mundo esportivo.

O segundo capítulo está voltado para a Administração e a Legislação. Merecendo destaque também a política.

Em ambos os capítulos a intenção é mostrar um panorama de como o esporte é conduzido, como evolui e caminha, levando em conta todos os aspectos acima citados.

Tentamos reproduzir a fiel realidade dos fatos ocorridos recentemente no circuito esportivo vigente, alicerçados na revisão bibliográfica, tentamos colaborar na conscientização e possível mudança de postura do leitor brasileiro frente ao problema.

A finalização deste trabalho é um novo gol, uma nova vitória da torcida da cidadania contra o time da malandragem que ora está ganhando este embate. O torcedor brasileiro é participante apaixonado e desprotegido é a principal vítima dos crimes praticados contra o futebol e o esporte em geral. Ainda que esteja comemorando a sanção presidencial da lei nº 10671 de 15/05/03 CÓDIGO BRASILEIRO DO TORCEDOR.

Esta torcida, sofrida agora tem assegurado perante a lei, direitos básicos de cidadania e está dando os primeiros passos rumo a justiça e a democracia. A caminhada é longa e demorada . Sonhar, idealizar, realizar-se com dias melhores ainda é possível entre nós.

CAPÍTULO I

A FIGURA E A PARTICIPAÇÃO DO ATLETA

A evolução do desporto e a sua grande influência na sociedade trouxe consigo a necessidade de uma maior e mais embasada elaboração do treinamento desportivo, para que este se firmasse em seus aspectos científicos. A partir daí, o binômio esporte e treinamento, envolvendo seus diversos aspectos, se tornou inseparável, contribuindo desta forma para se alcançar resultados esportivos cada vez mais concretos e conscientes.

Neste contexto, o papel do atleta dentro da situação competitiva ganhou maior importância, pois as sobrecargas psíquicas da competição influenciam seu desempenho, sendo que estas influências podem ser grandemente determinadas pelas consequências acumuladas pela participação do atleta no processo competitivo.

A razão de ser de uma competição não seria nada se não fosse a atuação do atleta. Com ou sem medalhas lá está ele perseguindo sua glória sempre evitando a derrota. Muitos deles com enormes responsabilidades nas costas por representar seu país, as vezes em competições de nível mais elevados que suas capacidades individuais. É uma carga psíquica muito grande, onde a vitória tem que ser conseguida a qualquer custo. Outras vezes seus feitos não são tão reconhecidos assim, pois quem leva os lucros da vitória nem sempre é o atleta.

De vilão a herói parece ser o limite do espaço de sua atuação desportiva. Nem sempre é reconhecido e além de competir com os adversários, primeiro compete com ele próprio depois com um mundo de dificuldades de toda ordem e natureza. Por último, deve seguir e obedecer uma série de imposições legais e também ilegais dentro e fora do mundo esportivo.

O DECÁLOGO DO ATLETA

Segundo Moacir Daiuto no seu livro Basquetebol Manual do Técnico, todos os atletas deveriam observar e obedecer estes dez mandamentos esportivos:

- I) Seja sempre honrado;
- II) Dê sempre o melhor de si mesmo, em competições, ainda que sinta que a vitória está se escapando;
- III) Conserve sempre seu sangue frio durante a competição e não se deixe levar por atos impensados;
- IV) Acate os regulamentos dos jogos em todas as circunstâncias e viva de acordo com as regras da vida desportiva pura;
- V) Reconheça o valor do adversário e facilite o vencedor. Não busque desculpas para a sua derrota e não guarde amargura em sua alma;
- VI) Se você é o vencedor, permaneça sendo modesto e reconheça os esforços dos vencidos;
- VII) Conduza-se de maneira correta perante os árbitros, as autoridades desportivas e o público;
- VIII) Não se descuide de suas ocupações particulares, pois elas são o seu futuro social;
- IX) Não se esqueça de que, quão melhores desempenhos você obtenha tanto mais aumentarão suas obrigações quanto a salvaguarda dos princípios do Espírito Olímpico, porque assim você se torna um “ideal” da juventude que toma seus atos como exemplos; e
- X) Lute unicamente por amor ao desporto e trate de melhorar a si mesmo.

MANUAL DO TÉCNICO

Quem estuda e reflete sobre o esporte em geral, é frequentemente alvo de críticas rigorosas, partindo de gregos e troianos.

De um lado, é acusado de limitar-se a análises globais, monótonas e repetitivas que quaisquer que sejam seus pressupostos teóricos acabam por tornar-se pronunciamentos inócuos sobre verdades mais que sabidas.

De outro, declaram-no culpado de um exagero empirismo, que acaba-se justificando por si mesmo.

Generalizar em torno dos dois extremos em qualquer assunto tem os seus inconvenientes e pode com facilidade induzir-nos em erro. Assim como o técnico pode ser alvo desse tipo de críticas, pode ele também cometer os mesmos enganos.

A experiência nos tem demonstrado que em geral os técnicos procuram conhecer as inovações introduzidas no jogo, tentam aplicá-las, modificam seus planos de treinamento, divulgam vaidosamente a adoração e aplicação de “Técnicas Modernas”, discutem sobre as jogadas de ataque e defesa, mas lamentavelmente continuam falhando na sua conduta como verdadeiros técnicos, pois neste particular, o interesse da maioria deixa muito a desejar.

O aperfeiçoamento das respectivas qualidades fundamentais não tem merecido dos treinadores as mesmas atenções que normalmente são destinadas à técnica a tática do jogo.

Na elaboração deste Trabalho procuramos estabelecer, ainda que modestamente, os princípios norteadores da conduta do técnico. Não houve, o propósito de ditar normas definitivas. Assinalamos as experiências teóricas e práticas que se seguem, bem como os conceitos emitidos. Procuramos apenas evidenciar a necessidade de maior reflexão, e outros estudos e investigações, face à complexidade do problema.

Ressaltamos que além dos profundos conhecimentos da técnica do jogo, o técnico deve ter o despreendimento necessário, a disposição de servir mais do que ser servido, a

dedicação total no trabalho que se escolheu, à carreira pela qual optou, naturalmente levado pela sua vocação.

A tecnologia deve ser aceita com parte visível da ciência, mas é preciso saber utilizá-la para servir aos fins da educação por intermédio do esporte.

Jamais se deve esquecer que se trata de trabalho de “pessoa para pessoa”, de “gente para gente”.

Só o homem pode compreender e ajudar o homem.

Insistimos na qualidade moral que é de honestidade de conduta do técnico tanto com relação aos seus jogadores, como diante dos opositores, sem que se exclua o seu comportamento perante as torcidas. A conduta imparcial e justa do técnico lhe granjearão não somente o respeito de todos os jogadores, como também a admiração das torcidas. Por isso mesmo, insistimos no “fair-play”.

Isso quer dizer não só os jogadores como especialmente o técnico (já que ele é mentor) devem manter uma conduta ética impecável, respeitando o direito do adversário e interpretando com justiça as suas atividades durante os lances, mas igualmente reconhecendo os erros e comportamento inadequado dos atletas de ambas facções, em todas as oportunidades.

Temos absoluta certeza de que algumas recomendações poderão fazer desabrochar risos em muitos “pseudos-técnicos”. Mas, um riso assim, de ironia e sarcasmo é pouco, quase nada para se opor-se a esta unidade de princípios, normas e idéias que agindo harmoniosamente constitui a única forma que permite orientar adequadamente a motivação interior do técnico no exercício de sua dignificante profissão.

Para nós a função de técnico é quase uma devoção. É preciso ter fé, crer, querer.

Assim, o intuito fundamental deste trabalho está em despertar nos técnicos como pessoas diante do mundo e como profissionais diante do seu trabalho, a preocupação da formação integral dos jovens, o que, na realidade, deve ser uma constante através de todas as fases da vida.

O TÉCNICO

Técnico é o indivíduo que, a par da preparação física, técnica e tática dos seus atletas, conhece profundamente cada um, deles; participa dos seus problemas particulares e tenta solucioná-los, ajudando a gerar forças, harmonizar, estimula a amizade entre todos, aconselha e dá bons exemplos de conduta, orienta, aplaude, e censura com bom senso, tem inabalável fé na juventude e na enorme força criadora da mente, sabe reconhecer os pontos fortes e fracos de cada um, estuda e analisa os adversários e, com todos esses elementos, organiza os planos de treinamento e as táticas a serem empregadas nas competições.

O técnico dispõe de uma excepcional oportunidade para ensinar e guiar ao mesmo tempo. Ele é o personagem chave da equipe. Sua função, particularmente delicada, engloba todos os problemas relativos à formação integral dos jovens.

Se o técnico ensinar somente fundamentos técnicos e táticos, poderá ser considerado um técnico, mas não é um técnico com “T” maiúsculo. É preciso ser mais que um instrutor de técnicas.

Consciente de sua responsabilidade e certo de que o seu caráter e sua personalidade terão importância incalculável no aperfeiçoamento da juventude, cabe ao técnico, por meio de estudos e experiências constantes, aperfeiçoar seus conhecimentos, corrigir falhas e jamais esquecer que lhe cumpre formar primeiramente o **Homem** depois **Atleta** e finalmente o **Jogador**.

O técnico esportivo é também um dirigente, e como tal tem obrigação moral de contribuir efetivamente para o constante desenvolvimento da especialidade à qual se dedica. Os interesses particulares e imediatos, entretanto, jamais deverão suplantar os elevados objetivos do esporte.

O técnico desenvolve suas atividades específicas principalmente no período de treinamento da equipe e durante os jogos. Nessas ocasiões, ele deve manter adequado

relacionamento com seus atletas, com o médico, com os dirigentes, com os árbitros, com a imprensa, com torcedores e com os colegas de profissão.

A soma de suas atitudes, de sua dedicação e do seu interesse em todas as oportunidades, durante ou fora das temporadas, solidificará a sua reputação e a sua filosofia como técnico.

Recorremos a Moacir Daiuto no seu livro Basquetebol Manual do Técnico, para elaborar vinte e oito requisitos indispensáveis para o sucesso dos técnicos desportivos. Na carreira de um técnico são fatores decisivos:

- Boa filosofia de vida e do esporte;
- Profundos conhecimentos específicos;
- Habilidade para ensinar;
- Elevados conhecimentos da natureza humana;
- Integridade moral;
- Zelo pelo prestígio da classe;
- Conhecimento das Regras Oficiais;
- Desejo de aperfeiçoar-se
- Honestidade de propósitos;
- Cultura geral;
- Liderança;
- Personalidade;
- Capacidade para demonstrar;
- Criatividade;
- Autocontrole;
- Atenção aos detalhes;
- Autenticidade;
- Entusiasmo;
- Disciplina;

- Imparcialidade;
- Paciência;
- Bom senso;
- Sensibilidade;
- Boa aparência;
- Persistência;
- Otimismo;
- Disposição jovial;
- Pontualidade.

O DECÁLOGO DO TÉCNICO

Moacir Daiuto no seu livro Basquetebol Manual do técnico conta que foi jogador e treinador de basquetebol, depois escreveu vários livros. Elaborou estes dez mandamentos para ajudar os técnicos desportivos:

- I) Mantenha sempre em mente que você é o principal responsável pela educação dos desportistas conforme os ideais olímpicos;
- II) Não se esqueça de que você é um exemplo vivo para os desportistas que imitarão seus atos;
- III) Não se esqueça de que antes de formar um campeão, é preciso criar e educar um homem;
- IV) Faça compreender a todos que o esporte não é um fim, mas um meio de aperfeiçoamento do indivíduo;
- V) Não se esqueça do fato de que um homem não é uma máquina viva, mas sim um organismo vivo que pensa, sente e age;
- VI) Tenha cuidado em desenvolver todas as possibilidades corporais do desportista e favorecer assim o desenvolvimento de suas faculdades mentais;

- VII) Ensine sempre aos “desportistas” a submissão às regras dos jogos em todas as circunstâncias;
- VIII) Não se esqueça de que somente a busca do rendimento não é índice de eficácia;
- IX) Respeite as decisões e as regras das autoridades desportivas, mesmo que não esteja de acordo com elas; e
- X) Trate, durante o seu trabalho, de aplicar os princípios educativos dos ideais olímpicos.

CPI DA NIKE DA CÂMARA DOS DEPUTADOS

Assim como os jornalistas ingleses (Simson, Vyv e Jennings) autores do livro Os Senhores dos Anéis (1992) no qual narram episódios do lado obscuro e nefasto dos negócios do COI (Comitê Olímpico Internacional) a nível mundial, comparam que entrar nessa organização é mais difícil que a própria CIA (Central de Inteligência Americana). Apesar da larga experiência profissional obtida ao longo dos anos, lá conseguiram um excelente trabalho, tão bom que o próprio COI comprou os direitos autorais de publicação e nenhum livro pode ser editado novamente no mundo inteiro.

Aqui os trabalhos da CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) foram muito difíceis penosos e desgastantes. Se não fosse muita determinação, tenacidade, audácia e coragem de um pequeno número de deputados, não teríamos as informações sobre o mar de lamas em que se encontra a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) e a própria FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado) . Desde a final da copa da França em 1998, onde a Brasil perdeu o título por fatores extra-campo, a indignação e a cobrança pela opinião pública e parte da imprensa, tomaram corpo e consistência até chegar a CPI da Câmara e ao Senado.

De tanta informação devastadora contida no livro, “sobrou prá todo mundo”, “bancada da bola”, para o governo, dirigentes, patrocinadores, parte da imprensa, para o selete clube dos milionários jogadores, e a própria imagem do Brasil lá fora ficou manchada, pois o nosso futebol é um dos principais produtos de exportação.

A investigação da CPI CBF-NIKE deu nome aos bois. Escancarou os subterrâneos do futebol, pôs a descoberta um sistema de exploração do esporte, dos jogadores, dos clubes, e da paixão dos torcedores, em favor de alguns grupos de dirigentes, empresários, e aventureiros. São 34 pessoas ao todo que foram indicadas e encaminhadas ao Ministério Público Federal.

Aqui também surtiu resultados e efeitos. A própria FIFA após convidar e ouvir os membros da CPI em Zurique tomou algumas providências para reprimir o uso de passaportes falsos pelas federações nacionais e à UEFA (União Européia de Futebol Associado) . Por causa disso o jogador argentino Hector Diego Garay, que jogou no Racing Club de Estrasburgo da França, foi suspenso de toda e qualquer atividade relacionada ao futebol.

Os parlamentares sugeriram à FIFA uma Instituição obrigatória de um cadastro de jogadores extracomunitários, por clube. Esse cadastro seria encaminhado à UEFA e à FIFA, anualmente, que assim acompanhariam as mutações ocorridas. O objetivo seria evitar que um jogador inicialmente contratado como extracomunitário fosse posteriormente escrito como comunitário através da falsificação do seu passaporte.

Apresentaram sugestões também à CBF tais como a Instituição de um cadastro de jogadores brasileiros negociados com os clubes estrangeiros. Divulgação periódica e atualizada da lista de pessoas credenciadas junto à entidade para intermediação de negócios no futebol.

Além da CBF, apresentaram sugestões ao Ministério das Relações Exteriores pedindo aos diplomatas e cônsules que prestassem apoio aos jogadores brasileiros envolvidos em passaportes falsos, estimulando-os à regularização de suas situações e

assistindo-os nos casos em que respondam processos criminais em países estrangeiros. A CPI solicitou ao Ministério Público a investigar a ocorrência do crime contra a ordem legal brasileira nas transações de jogadores brasileiros para o exterior, com passaportes falsificados. A CPI não esqueceu de pedir à Receita Federal e ao Banco Central investigar a possível ocorrência de crimes contra o sistema financeiro do Brasil de evasão de divisas, nas transações dos jogadores brasileiros para o exterior envolvidos ou não com passaportes falsos.

Os indícios das práticas de crimes, apurados pela Comissão são cinco.

- 1- Crime contra a ordem tributária
- 2- Crime contra o sistema financeiro nacional
- 3- Crime de falsificação de documento público
- 4- Crime de falsidade ideológica
- 5- Envio de criança e adolescente ao exterior de forma irregular.

Por último a comissão da CPI elaborou um Projeto de Lei para moralizar o futebol. São mais de cem páginas em que se define um novo código para o esporte no país. Um destaque no projeto é que, em relação ao descalabro encontrado na administração de futebol, da falta de responsabilidade e controle, se propõe uma mudança na relação de Estado com as entidades esportivas.

O projeto de lei do Estatuto do Desporto está em tramitação na Câmara dos Deputados sob o número 4874/2001. Em agosto, a presidência da Câmara criou uma comissão especial de parlamentares para debater o projeto e apresentar uma proposta de consenso ao plenário. E em 30/10/2001, foi instalada a comissão especial que vai analisar o projeto presidido pelo deputado Jurandil Juarez e, como relator, terá o deputado Gilmar Machado do PT de MG. A composição contará com praticamente os mesmos deputados que trabalharam na CPI CBF-NIKE.

Os principais aspectos são:

- Estatuto do Desporto
- Autonomia não é Soberania
- Papel do Estado
- Situação Jurídica das Entidades Desportivas
- Relações de Trabalho no Desporto
- Justiça Desportiva
- Desporto de Competição e Outros Desportos
- Aprendizagem, Qualificação, Clube Formador de Atleta

CPI DO SENADO

Ao finalizar seus trabalhos de investigação no futebol brasileiro, os senadores integrantes da CPI aprovaram e enviaram a mesa do presidente do senado para posterior apreciação e votação em plenário, proposto de seis Proposições Legislativas. São elas:

1- Lei de Responsabilidade Social do Futebol Brasileiro

Essa lei regulamenta a atividade relacionada com o futebol praticado por profissionais, estabelece normas orgânicas específicas para a prática e administração transparente das ligas e entidades e para a responsabilidade de seus administradores.

2- Regulamenta a profissão de Agente Esportivo e dá Outras Providências

3- Regulamenta a profissão de Árbitro de futebol e dá Outras Providências

4- Alteração à Lei 9.615, de 24 de Março de 1989, com a redação dada pela Lei 9.981, de 14 de Julho de 2000, e pela Medida Provisória nº2.193, de 23 de Agosto de 2001.

5- Cria Subcomissão Permanente de Desportos no Senado Federal

6- Lei de Inquérito Parlamentar

Este Projeto de Lei institui a Lei de Inquérito Parlamentar (LINP), disciplinando os poderes de investigação inerentes às autoridades judiciais, previstos no 3º do art. 58, da Constituição Federal.

PESQUISA LANCE-IBOPE

O jornal Lance e o instituto de pesquisas IBOPE realizaram entre os dias 17 e 20 de Maio de 2002, uma pesquisa sobre a Moralização do Futebol Brasileiro. Essa pesquisa foi feita em âmbito nacional entrevistando 2000 pessoas.

A referida pesquisa LANCE-IBOPE, tem um INTERVALO DE FIANÇA de 95%, ou seja, em 100 pesquisas, 95 seriam iguais. A margem de erro é de 2,2 pontos percentuais para cima ou para baixo. Assim, os resultados obtidos podem variar 2,2 pontos percentuais.

Todas as perguntas foram editadas no referido jornal, e respondidas através de telefone e e-mails pelos leitores e também divulgados no próprio jornal.

1- Você é a favor ou contra que os dirigentes sejam responsabilizados por seus atos administrativos em seus clubes?

83% a favor

4% contra

13% não opinaram

Entre os que tem opinião foi o seguinte:

93% a favor

3% contra

Os detalhes da mesma pergunta:

O apoio é maior entre os jovens 86%

O apoio é maior entre os mais ricos classes A/B 95%

O apoio é maior na região Sudeste 85%

O apoio é maior nas cidades com mais de 100 mil habitantes 88%

O apoio é maior com o nível de instrução 91% (universitários)

2- Você é a favor ou contra a criação de uma Lei que obrigue os clubes e entidades de futebol a prestar contas das suas finanças publicamente?

73% a favor

13% contra

14% não sabe/não opinou

Entre os que tem opinião

85% a favor

15% contra

Nesta pergunta, as respostas coincidiram exatamente com a primeira. Ou seja, o apoio é maior entre os jovens, de nível universitário, na região Sudeste, entre os mais ricos e nas cidades com mais de 100 mil habitantes.

O jornal Lance tem expressiva leitura de jovens (é a maior presença de homens de 10 a 29 anos na imprensa brasileira, com 68%), fez campanha LANCENET! Sugerindo que fossem enviadas mensagens ao governo federal pela assinatura da Medida Provisória da Moralização. Foram encaminhados mais de 90 mil e-mails ao Ministério do Esporte.

Sobre o resultado desta pergunta 5 personalidades importantes opinaram no próprio jornal para nossa reflexão.

RAÍ- Ex-meia e Manager do São Paulo F. C.

“O resultado reflete a quadro que existe hoje no futebol. As pessoas querem mudanças”.

GERALDO ALTHOFF- Senador do PFS-SC

“A única maneira de moralizar o futebol é responsabilizar os maus dirigentes”.

EDUARDO JOSE FARAH- Presidente da Liga Rio-São Paulo

“Todos os segmentos têm bons e maus dirigentes. Sou favorável a responsabilização”.

ALDO REBELO- Deputado Federal Pcdob-SP

“As pessoas tomaram consciência de que há muita coisa errada. Eles querem fiscalização”

CARLOS AUGUSTO MONTENEGRO- Presidente do IBOPE e Presidente do Conselho Deliberativo do Botafogo Carioca.

“É preciso um trabalho de recuperação para sair do fundo do poço, mas isso é algo lento”

3- Os políticos brasileiros nada fazem para acabar com a corrupção no futebol. VOCÊ
CONCORDA OU DISCORDA DESTA AFIRMAÇÃO?

63% concorda totalmente

13% concorda em parte

6% discorda em parte

6% discorda totalmente

12% não sabe/não opinou

Entre os que tem opinião

71% concorda totalmente

15% concorda em parte

7% discorda em parte

7% discorda totalmente

Desaprovação cresce com a idade acima de 50 anos 65%

Desaprovação é maior entre os colegiais 67%

Desaprovação é maior entre as classes A/B 70%

Desaprovação é maior no Sudeste 66%

Desaprovação é maior nas grandes cidades 69%

4- Os políticos brasileiros usam o futebol somente para seus índices eleitorais. VOCÊ
CONCORDA OU DISCORDA DESTA AFIRMAÇÃO?

63% concorda totalmente

14% concorda em parte

10% discorda em parte

9% discorda totalmente

13% não sabe/não opinou

Entre os que tem opinião

61% concorda totalmente

17% concorda em parte

10% discorda totalmente

12% discorda em parte

A Descrença cresce com a idade acima de 50 anos 57%

A Descrença cresce com o nível de instrução superior 59%

A Descrença cresce com renda familiar mais de 10 salários mínimos 66%

A Descrença cresce as classes socioeconômica A/B 59%

A Descrença cresce na região sul 56%

A Descrença cresce nas cidades com mais de 100 mil habitantes 60%

Sobre o resultado destas 2 perguntas, 5 personalidades opinaram no jornal o Lance para refletirmos.

RAÍ- Ex-meia ae Manager do São Paulo F. C.

“Fica um recado para os políticos. Hoje nós temos muita teoria e pouca prática”.

ALDO RABELO- Deputado Federal pelo Pcd B-SP

“Como a maioria dos políticos que atuam no futebol não passa uma boa imagem, isso marca”.

EDUARDO JOSE FARAH- Presidente da Liga Rio-São Paulo

“Eu sou contra o envolvimento dos dirigentes de futebol com a política”.

FABIO KOFF- Presidente do clube dos 13

“Os políticos fazem a mesma coisa para acabar com a corrupção nos outros segmentos”.

EURICO MIRANDA- Presidente do Vasco da Gama e Deputado Federal pelo PPB-RJ

“Acho que os políticos também não se mexem para acabar com a corrupção na imprensa”.

ÉTICA

A observação da conduta moral da humanidade ao longo do tempo revela um processo de progressiva interiorização. Existe uma clara evolução, quer vai da aprovação ou reprovação de ações externas e suas conseqüências à aprovação ou reprovações das

intenções que servem de base para essas ações. O que Hans Reiner (Enciclopédia Barsa, vol. 6) designou como “ética de intenção” já se encontra em alguns preceitos do antigo Egito (3000 a.C.), como, por exemplo, na máxima “não zombarás dos cegos nem dos anões”, e do Antigo Testamento, em que dois dos dez mandamentos proíbem que se deseje a propriedade ou a mulher do próximo.

Todas as culturas elaboram mitos para justificar as condutas morais. Na cultura ocidental, são familiares a figura de Moisés ao receber, no monte Sinai, a tábua dos dez mandamentos divinos e o mito narrado por Platão no diálogo Protágoras (Enciclopédia Barsa, vol. 6), segundo a qual Zeus, para compensar as deficiências biológicas dos humanos, conferiu-lhes senso ético e capacidade de compreender e aplicar o direito e a justiça. O sacerdote, ao atribuir à moral origem divina, torna-se seu interprete, e guardião.

O vínculo entre moralidade e religião consolidou-se de tal forma que muitos acreditam que não pode haver moral sem religião. Segundo esse ponto de vista, a ética se confunde com a teologia moral.

Desde a época que Galileu afirmou que a Terra não é o centro do universo, desafiando os postulados ético e religioso da cristandade medieval, são comuns os conflitos éticos gerados pelo progresso da ciência, especialmente nas sociedades industrializadas do século XX.

A Sociologia, a medicina, a engenharia genética e outras ciências se deparam a cada passo com problemas éticos. Em outro campo de atividade humana, a prática política antiética tem sido responsável por comoções e crises sem precedentes em países de todas as latitudes.

ÉTICA NO ESPORTE

O esporte de rendimento ou de alto nível exige regras internacionais em cada modalidade para homens, mulheres, subdivididos por faixa etária para o bom êxito da competição.

Em tese, os concorrentes dispendo das mesmas condições e regras acima descritas, estariam aptos a alcançar o êxito final de forma limpa e merecida desde que obedecam todas elas.

Aos infratores são previstas sanções disciplinadas aplicadas pelo Direito e a Justiça Desportiva. Estas instituições, além disso, impõe a cada concorrente um comportamento consonante com a moral. Por isso que existe antes de cada competição o código de honra ou “Juramento do atleta”, com a finalidade de enaltecer as virtudes e as qualidades tanto do vencedor como também do perdedor.

A atividade desportiva competitiva está tão atrelada a ética que é impossível haver qualquer competição sem que haja pureza nos preceitos morais, baseados na igualdade, humildade e lealdade de cada competidor. Com estes valores éticos dando a dimensão exata de parâmetros justos e fiéis incentivando cada vez mais os competidores atuais e as gerações futuras tanto na vitória como na derrota.

Mas o esporte não é feito somente pelos atletas, existe uma estrutura que forma SISTEMA ESPORTIVO, onde várias pessoas estão inseridas neste contexto. Um segmento importante deste Sistema é a política de bem governar esse esporte. A política é essencial na relação entre as pessoas humanas e entre estas com o Estado, na busca dos fins comuns. Na época renascentista, Maquiavel (Ética e Profissão no Esporte - prof. Lori Edson de Almeida - Universidade do Esporte), observando o fenômeno político, ressaltou a importância da política como sendo a luta pelo poder. Essa luta, desde que conduzida por princípios éticos e morais, é salutar e se constitui na essência do próprio Estado Democrático de Direito.

Obviamente são aplicáveis as entidades e associações desportivas, como agrupamentos humanos. É válida e democrática a busca de poder nessas entidades ou associações, desde que, a disputa se faça dentro das regras legais e estatutárias e norteadas por princípios éticos.

Distingue-se assim, a política “interna corporis” de cada clube, agremiação ou entidade desportiva da política partidária, extra desportiva, onde se busca o poder do Estado. Neste, também, como já salientado, a competição político partidária que ocorre dentro do devido processo eleitoral, é legítima e necessária à democracia.

A política, interna de disputa pelo poder da entidade desportiva, desde que obedecidos os princípios enunciados, além de não interferir, negativamente, na prática desportiva, é lícita, podendo ser, inclusive, incentivadora e salutar para essa prática desportiva.

As agremiações e entidades, como pequenos núcleos sociais, devem ter um governo, um comando, que faz irradiar e incentivar as suas atividades institucionais. Tanto isto é certo, que o próprio texto constitucional, no seu artigo 217, “dá autonomia às entidades desportivas dirigentes e associações , quanto a sua organização e ao seu funcionamento”. Cabe, autonomamente, a cada uma dessas entidades, por seus associados ou filiados, determinar, por meio de deliberações internas, dizer como devem ser elas organizadas e dirigidas. A entrega dessa direção deverá ser feita através da livre e democrática manifestação dos associados ou filiados.

E, como em todo agrupamento humano, essa entrega deve passar pela disputa política. Nada há, portanto, nesse sentido, de errado entre política e esporte.

De outro lado, contudo, a ingerência política partidária, em meta relacionadas com as entidades e as agremiações desportivas, dentro do esporte, não é recomendável e nem com ele se compatibiliza. Em tal hipótese, o dirigente, que tem sua atividade voltada para a política partidária, a política externa, pode querer se utilizar, e muitas vezes se utiliza, de seu cargo no clube ou na entidade, para postular, ou manipular votos, ocasionando, nessa

hipótese, lesões irreparáveis ao esporte. Nada impede, contudo, que o dirigente, que não se utilize do clube ou da entidade para seus interesses pessoais, possa, como cidadão, participar da política externa. Não pode e nem deve misturar ambas as atividades, mescla essa, que não se coaduna nem com o esporte e nem com a política.

A par dessa situação, convém, também, ressaltar que, em nenhuma hipótese, o esporte pode ser envolvido pela “politicagem”. A politicagem na definição de (Anísio Buarque de Holanda – 1999), é o “conjunto de políticos desavergonhados e corruptos; política mesquinha”. Infelizmente, há uma desavergonhada e nefasta ação de alguns políticos notórios por sua ingerência negativa nas atividades desportivas, com o fim único, e exclusivo de criar “currais eleitorais”, às custas de um clube ou de uma entidade desportiva e de todo o seu quadro associativo. Essa nociva política se reitera, na medida em que ocorre um círculo vicioso e contínuo entre, de um lado, a notoriedade que o esporte dá aos seus dirigentes e, de outro lado, a necessidade que as associações e as entidades desportivas têm de se situarem dentro de centros do comando estatal, para a obtenção de prestígio, favores ou de recursos.

Essa ação nefasta e viciosa pode ser afastada, se, forem criadas sanções eficazes e severas contra aqueles que se servirem, negativamente, do desporto. O político de bem, tanto quanto o desportista de bem, merece respeito e acolhida. Pessoas que se portam dentro dos padrões éticos, sejam quais forem as suas atividades extra-desportivas, desde que queiram se dedicar ao esporte, devem ser aceitas e até incentivadas a essa participação. Repudiados devem ser políticos ou não, aqueles que fazem da atividade desportiva uma “politicagem” corrupta e mesquinha.

FUTEBOL É COISA SÉRIA

O futebol é um dos aspectos de maior vitalidade do patrimônio cultural do povo brasileiro. Sua existência não depende do Estado, e é sustentada unicamente pela vontade da cidadania, enraizada na tradição, e é sempre renovada pela paixão popular e a magia do esporte.

A Lei Pelé nº 9615 de 24/03/98 no artigo 4º afirma que “a organização desportiva do país integra o patrimônio cultural e é considerada do elevado interesse social”. Um patrimônio que ser preservado conforme prevê a Constituição.

É uma atividade geradora de empregos, criadora de riquezas em volume considerável para o PIB nacional. Nos últimos anos grande fluxo de capitais passou a envolver esse esporte. A venda de direitos de uso de imagem de seleções, clubes e jogadores a empresas de produtos esportivos e outros, a venda de direitos de transmissão de jogos pela televisão, rádio, Internet, as transferências de jogadores entre clubes e de um país a outro, tudo isso somado dá uma enorme soma de dinheiro. Recentemente grandes grupos de investidores, fundos de investimentos multinacionais, atraídos pelo potencial econômico, vêm entrando no setor patrocinando e tornando-se co-administradores de clubes e jogadores.

Em termos econômicos o Brasil está bem abaixo da Europa e Estados Unidos, lá esse setor responde por 3,5% a 4% do PIB, aqui não atinge 1% do PIB.

No mundo inteiro o futebol movimenta US\$ 250 bilhões ao ano. Desse total o Brasil participa com R\$ 16 bilhões, de acordo com a Fundação Getúlio Vargas.

Os clubes que são a unidade fundamental do futebol, geram uma receita anual de aproximadamente US\$ 182 milhões no Brasil. Na Itália este valor é US\$ 700 milhões, na Inglaterra US\$ 1 bilhão, na Espanha US\$ 580 milhões. Essa disparidade não se deve apenas as diferenças econômicas entre esses países, mas também a diferentes estágios de organização do futebol entre o Brasil e os centros europeus. A estrutura das receitas dos

clubes brasileiros dependem excessivamente dos direitos da televisão que vão de 57% até 90%.

	Atividades Comerciais	Direito de TV	Bilheteria	Transferência de jogadores
Inglaterra	29%	25%	33%	13%
Itália	15%	39%	31%	15%
Brasil	15%	57%	8%	20%

Fonte: Pelé Sport e Marketing

	Patrocínio	Direitos	Bilheteria	Licenciamentos	Parceria com empresas de investimentos
Inglaterra	11%	20%	39%	12%	
Brasil	20%	60%	17%	3%	

Fonte Panamerican Sports Teams

Estes dados acima estão contidos no livro CBF-NIKE de Aldo Rebelo e Silvio Torres, a Pelé Sport e Marketing e Panamerican Sports Teams são empresas de pesquisas e Marketing.

Como vemos é um mercado promissor, só que a malandragem dos cartolas é maior do que se imagina. Atrapalha em muito a vinda do exterior de milhões de dólares. Ainda assim conseguimos conquistar o penta campeonato mundial de futebol. Imaginem se fosse bem organizado nosso futebol. O que seríamos então?...

Estima-se que 2000 atletas brasileiros estejam atuando nos 5 continentes do mundo. Mais um bom número de treinadores e membros de uma Comissão Técnica e também alguns árbitros. Tudo isso reforça e demonstra nossa força futebolística.

Mas este espaço conseguido por brasileiros no exterior, seja jogando, apitando ou treinando não surgiu de graça. Foi preciso muito trabalho, dedicação para eles reconhecerem seu valor profissional e como pessoa. Assim é que na década de 60, o jogador brasileiro era considerado lá fora como boêmio, irresponsável ou o tipo de homens que se entrega com todas as forças ao prazer.

Talvez o precursor deste trabalho seja Waldemar Graciano (jacaré). Este brasileiro tem uma história muito linda e merece ser citado em detalhes neste trabalho.

Waldemar nasceu em 04 de fevereiro de 1938 em Nova Granada (SP). Iniciou sua carreira como jogador amador de Bandeirantes de Bela Vista, transferindo-se a seguir para o Eden Liberdade e Itororó, respectivamente. Mas foi no São Paulo F. C. que atingiu o profissional, passando pelos infantis, juvenis, aspirantes e ao time principal.

No Brasil defendeu ainda o E. C. Catanduva, Comercial de Ribeirão Preto, XV de Novembro de Jaú, XV de Novembro de Piracicaba e o S. C. Recife. Na Europa integrou a equipe da Áustria FK de Viena, 1962/1967 e o First Viena FK de 1967 a 1969.

Formou-se na Áustria e na Alemanha, professor de Educação Física e treinador de Futebol.

Como treinador dirigiu os seguintes clubes: Innsbrucker S.K. (Áustria), F. C. Garmisch (Alemanha), S.S.V. Bressanome (Itália), S.V. Axams-Tirol (Áustria), F.K. Áustria Wien (Áustria), Al-Qadisiyah Club (Arábia Saudita).

Waldemar Graciano é negro e em 1984 escreveu o livro A arte e a técnica do futebol. Está no rol do bibliografia deste trabalho.

Depois dele outros fizeram o mesmo, por exemplo Falcão, Zico e Edinho. A partir daí o jogador brasileiro foi aceito na Europa, em igualdade de condições dentro da profissão. Mas, antes, seria considerado louco ou visionário quem aceitasse tal tipo de desafio.

Após a Copa da Mundo do Japão e Coréia o mercado futebolístico europeu e mundial entrou em crise. Os maiores clubes italianos e espanhóis decidiram reduzir os salários de seus jogadores. Talvez pelo fraco desempenho na última Copa, Espanha e Itália reduziram o número de jogadores estrangeiros por cada clube. Parece que o marketing esportivo não deu conta do recado e aliado com o encolhimento da economia americana e mundial como um todo, mergulhou numa crise global. E com isso até o dólar está sendo desvalorizado frente ao euro. A situação afetou também aqui no Brasil. Pois agora os brasileiros terão que conquistar outros mercados para colocar seus jogadores. Há poucas opções Japão, Estados Unidos e alguns países árabes.

Antes de terminar este texto cabe questionar: Por que ainda é pequeno número de técnicos, massagistas, árbitros, médicos, fisioterapeutas brasileiros trabalhando em clubes de futebol no exterior?

FALTA DE ÉTICA DA CARTOLAGEM DENIGRE A ALMA NACIONAL

Figuras como “o homem da mala preta”, “virada de mesa”, “tapetão”, “o famoso cai-cai”, “compra de árbitros”, “jogo arrumado” não são nenhuma novidade para qualquer brasileiro desportista ou não. Destas e outras figuras, o noticiário está repleto todo o dia e em todo o lugar. Mas a partir das trapalhadas da equipe técnica na final da Copa de 1998, onde uma sucessão de atitudes sem ética e desencontradas, levantaram dúvidas éticas que culminaram com a criação de duas CPIs, uma do Senado e outra da Câmara. Os trabalhos de apuração atingiram dezenas de personalidades do esporte, cuja as atitudes duvidosas são reflexo do comportamento social do brasileiro.

A frustração nacional foi tão grande que, imediatamente após o jogo, começaram a circular boatos na Internet alimentando a idéia de que o jogo foi “arrumado”. Dentro das quatro linhas, ninguém discute que a França mereceu vencer o jogo. A grande dúvida é como explicar a forma de esclarecer o péssimo desempenho dos jogadores dentro do gramado. Até os franceses acharam fácil demais vencer o Brasil naquele dia. As trapalhadas começaram com a Entrevista Coletiva de Zagallo. Seu extremo nervosismo e descompostura transformaram o lobo em lobisomem. Depois as declarações do médico Dr. Lídio Toledo começou o “empurra-empurra” de quem foi a responsabilidade de escalar o Ronaldinho para o jogo. Ronaldinho contou que recebeu do Dr. Lídio um comprimido azul, presumivelmente um diazepam, que nada contribuía para alguém que já tinha sofrido uma convulsão, a não ser deixá-lo mais lento e com sono.

Na clínica, sentindo-se bem, sem ter sido esclarecido quanto ao que sofrera, Ronaldinho disse que queria jogar. Por essa não esperavam seus médicos. Com medo da

opinião pública, fraquejaram e deixaram que o paciente, em sua ingenuidade, ditasse a conduta.

Às 20h10, Ronaldo chegou ao vestiário do Estádio da França com o Dr. Joaquim da Mata. Os médicos confabularam e, diante da pergunta de Zagallo, da vontade do atleta e sob pressão de Ricardo Teixeira, presidente da CBF, que queria Ronaldo no jogo, acabaram por liberá-lo. Em outras declarações, defendeu-se o Dr. Lídio: “Imagine minha situação, o Ronaldo diz que está bem, o médico veta, o time perde. No dia seguinte, o jogador declara que está bem e que fulano o barrou. Aí vou ter de mudar de país. Vou virar esquimó no Polo Norte.” Zagallo, por sua vez, não ficou atrás, em inúmeras entrevistas após a derrota para a França, o técnico explicou: “Se o melhor jogador do mundo me diz que está bem e quer jogar, e se o médico o libera para o jogo, vocês acham que eu podia deixá-lo de fora?”. Esta declaração está na Revista Planeta nº 44.

Que mal perguntemos, a lógica aqui não deveria ser outra? A ética não mandaria dizer justamente o contrário? Imaginemos que Ronaldinho fosse filho de Zagallo; qual o pai que, em sã consciência mandaria seu filho jogar qualquer partida, após uma convulsão, ainda que um par de médicos levianos o autorizassem a fazê-lo, mesmo em se tratando do melhor jogador do mundo? Ora, honestamente Zagallo sabia que Ronaldo não tinha condições de jogo, e confessou-o na estapafúrdia entrevista após a partida. Mas tiveram sorte grande os três, Zagallo e os médicos, posto que o atleta não veio a falecer em campo nem convulsionar novamente diante de milhões de espectadores. Todo o neurologista sabe, e qualquer médico deveria saber, que após uma convulsão recomenda-se evitar esforços físicos por um mínimo de 48 horas. Deve ter sido sob efeito do diazepam que Ronaldo perdeu o tempo de bola e se chocou desembestado contra o goleiro Barthez, que considerou estranho naquela ocasião ele não ter conseguido breicar os passos. Ronaldinho bateu a cabeça contra o corpo do francês, estatelou-se por alguns minutos e poderia ali mesmo ter tido outro crise convulsiva; sem exageros, poderia mesmo ter morrido!

Mas qual atitude poderíamos esperar de um técnico que poucos dias antes, enquanto aguardava pelo jogo das quartas-de-final, em entrevista coletiva em 1º de julho declarava: “Eu quero ganhar da Dinamarca na Sexta-feira por meio a zero, com gol de mão”. O jornal Estado de São Paulo publicou a preciosa frase em letras grafais. Ainda que quisesse ironizar, fazendo uma alusão aos argentinos, que venceram a Inglaterra em 1986 com gol de mão de Maradona, por esse pensamento politicamente incorreto, Zagallo recebeu seu distorcido crivo ético, já que disse ganhar de qualquer forma, mesmo roubando.

Na manhã de 14 de julho, a seleção era recebida pelo presidente FHC, que, muito vaiado na Praça dos Três Poderes, disse palavras de praxe e de conforto ao grupo e ao frustrado povo. E condecorou a comissão e os jogadores com medalhas da Ordem do Mérito Nacional. Taffarel e Ronaldo; com justiça foram os mais aplaudidos. Encerrava-se com prêmio de consolação a jornada rumo ao penta. Particularmente não vemos demérito algum em perdermos uma final de Copa do Mundo. Já acontecera em 1950. Faz parte do jogo e, em ambas ocasiões, perdemos dentro das regras. Achamos até simpático o fato de a taça ter ido parar num país que estava fora do seletivo grupo de campeões. Nossa inconformidade, entretanto, e creio seja a mesma que acompanha a maioria dos brasileiros desde 1998, não advém da derrota em campo, mas sim da maneira pela qual perdemos, centrada nos desígnios da hipocrisia humana.

Também não vemos nada de errado em se condecorar o vice-campeonato. Mas naquelas circunstâncias, tendo já o deplorável das declarações e a descompostura de Zagallo se espalhado pelo mundo, o gesto não poderia ter sido mais inoportuno. Apenas serviu para banalizar uma comenda; afinal, não é condecorando mentira que a transformamos em verdade.

Segundo a Revista Planeta nº44, a palavra ética vem do grego êthos e do latim mores e quer dizer que o conjunto de condutas afinadas com determinada época e cultura, e reúne costumes de senso moral, isto é, obrigações e valores que assumimos perante nós

mesmos e nossos semelhantes. O homem age eticamente quando o faz segundo sua consciência levando em conta o grau de liberdade e a conseqüência de seus atos em relação à sociedade e suas tradições. Nesse aspecto, Zagallo julgou tão bem quanto seus médicos: ele estava diante de uma situação de repercussão internacional, a conquista de uma Copa do Mundo, a manutenção de toda uma série de interesses titânicos e o prestígio pessoal. Mas decidiu que tudo valia fazer para pôr as mãos no título, mesmo que isso custasse uma vida e os médicos lhe davam até o álibi. De alguma forma, intuitiva ou consciente, todos sabiam do risco assumido, tanto é que os jogadores entraram em campo com um olho na bola e outro no Ronaldinho; e jogaram desconcentrados, temendo pelo pior, o que nos custou bem pouco, apenas uma derrota de 3x0.

Diante dos costumes, dos valores morais estabelecidos numa coletividade, confronta-se sempre a carater, fruto de disposição pessoal, resultado de sentimentos e condutas individuais. É o carater quem decide como agir, e as atitudes trazem implicações, nossas ações podem ser éticas ou não. Há mesmo quem prefira agir contrariando um senso comum por razões próprias não reveladas fórum íntimo. Lembremos por exemplo, a primeira atitude oficial de FHC ao assumir a presidência em 1994. FHC anistiou Humberto Lucena, que acabara de ser acusado pela Comissão de Justiça do Senado, por haver impresso com dinheiro público, na gráfica do próprio Senado “santinhos” para sua campanha eleitoral. Uma decisão meramente pessoal, assim como a de premiar os vices-campeões, ou como aquela de Zagallo em escalar Ronaldinho de qualquer maneira para o jogo.

Neste curto intervalo de 4 anos entre 1998 e a primeira do século do terceiro milênio que ora acontece, assistimos estupefatos a toda uma lama que se levantou dos campos de jogo político e esportivo de nosso futebol. As CPIs criadas para investigar o futebol encontraram de tudo, provas de crime ordem tributária, fábrica de passaportes, negociados pelo “caixa dois”, sonegação fiscal. Wanderley Luxemburgo admitiu ser

“desorganizado”. Quem não se lembra do dia em que ele se recusava a assinar um termo pelo qual se comprometeria a não mentir na CPI do futebol.

O senador Romeu Tuma foi quem conseguiu demovê-lo dessa teimosia, sua declarada predisposição à mentira.

As CPIs também suspeitaram de falcatruas de Ricardo Teixeira, que curiosamente, até hoje não compareceu para defender-se das acusações que lhe pesam, alegando problemas de saúde.

E revelou ainda que uma série de empresas suspeitas ligadas tanto à CBF quanto ao presidente do Vasco, Eurico Miranda, contra quem o procurador-geral da República, Geraldo Brindeiro, abriu inquérito penal.

Em abril de 2001 veio à tona novo escândalo, desta vez envolvendo o rei Pelé. Várias empresas ligadas à Pelé Sports e Marketing Ltda. (PSM) faturaram 700 mil dólares sob o pretexto de realizar um evento da UNICEF, que nunca ocorreu e da qual Pelé dizia participar sem cobrar nenhum tostão. Segundo Pelé, é seu antigo sócio e ex-amigo Hélio Viana o autor das irregularidades. Este, por sua vez, retrucou dizendo que Pelé sempre soube de tudo que sua empresa fazia. Indícios de sonegação fiscal, milhões de dólares desviados para paraísos fiscais e documentos falsos devem ser investigados. Na opinião do deputado Jose Lourenço (PMDB-BA) entretanto, não se deveria quebrar o sigilo fiscal da PSM: “Pelé é um símbolo do Brasil respeitado no mundo, vamos destruir esse símbolo?”, disse ele na CPI da NIKE, em 06 de abril.

A ética não pediria o raciocínio inverso? Ora, de que nos vale um símbolo nacional sob suspeito? Melhor seria o país passar tudo isso a limpo, não? Algumas provas já são do conhecimento público, como uma assinatura falsificada de Pelé, firmando uma renovação de empréstimo de um milhão de dólares, de 05 de fevereiro de 1996. Mesmo ciente do caso na época, estranhamente preferiu ser discreto em relação ao fato (Revista Planeta nº44).

E olhando outros aspectos, além do financeiro, o que iremos dizer aos súditos de Pelé, espalhados pelo Brasil inteiro, enquanto o rei não reconhece Sandra Regina Machado

como sua filha legítima? E a prova de DNA nem deixou dúvidas, mas até hoje questiona se Pelé está a altura de sua propalada realeza.

Enfim, política e futebol são reflexos um do outro, ou é a falta de senso ético que está a perpassar todas as áreas? Há até um trocadilho futebolístico para ser usado aqui: de repente se descobriu que só o que vale mesmo é a lei de Gerson, “o melhor é levar vantagem em tudo cerrrto?”

O novo milênio, porém, sempre traz esperanças de maior justiça e respeito entre os homens. Pela primeira vez uma Copa do Mundo se realiza na Ásia, e tem por sede dois países: Coréia do Sul e Japão, notavelmente as torcidas mais limpas e educadas que estiveram na França em 1998, que recolhiam até o próprio lixo que produziam nos estádios. Seria esta a metáfora de que o limpo e o ético voltarão a estar em alta?

Deveríamos participar das Copas com o espírito dos atletas olímpicos da antiga Grécia, pelo prazer de competir, buscando a glória das vitórias justas. Sempre é tempo para rever valores escusos, e a mentira, convenhamos, nunca antes revelou tanto seus disfarces.

Vencer a Copa pela 5ª vez nem deve ser agora a maior das metas para nossa seleção, o melhor será voltar campeão ou não, de cabeça erguida e com dignidade. Primemos pela ética e, se alguma elegância sobrar, torçamos por Senegal: afinal os estreantes costumam ao menos apresentar um jogo ingênuo e honesto, bem distante dos interesses que só atrapalham a consciência e, por que não, até o futebol.

CAPÍTULO II

OLHAI O PRIMEIRO ENTRE OS ÚLTIMOS

O treinador da Seleção Brasileira de Futebol ouviu de seu filho uma frase que merece reflexão por parte dos interessados em decifrar a alma nacional: “Neste país, o segundo colocado é apenas o primeiro entre os últimos”. Trata-se de um curta, precisa e preciosa lição. Luiz Felipe Scolari ouviu-a horas antes da entrevista coletiva que precedeu a partida para a Guerra da Copa. Alçado ao comando da esquadra de chuteiras mobilizada a cada quatro anos para honrar o passado e glorificar o presente do país do futebol, o treinador repetiu a observação do filho em meio a outro interrogatório destinado a levá-lo a explicar por que Romário ficara fora do pelotão incumbido de transformar o desembarque nos gramados do Oriente na versão nativa da invasão da Normandia.

A frase passou praticamente despercebida: os inquisidores queriam saber do atacante excluído da tropa combatente. Se até Lula e Fernando Henrique reivindicaram em dueto a presença de Romário na batalha, como não levar à guerra esse general tão baixinho e eficiente quanto um Cordeiro de farias, um Zenóbio da Costa, um Mascarenhas de Moraes? Felipão achou melhor deixá-lo por aqui e ponto final. Talvez não tenha conseguido (ou desejado) explicitar nitidamente todos os motivos da decisão. Mas soube avocar com clareza e coragem a inteira responsabilidade pela derrota eventual.

Ele tem consciência dos riscos aos quais se expõe, e mencionou a frase do filho justamente para resumir a confusão em que se meteu. Nesses trêfegos trópicos, ou se é campeão ou não se é nada. No altar onde cultuamos os santos guerreiros de 1958, 1962, 1970 e 1994, conquistadores de Copas do Mundo, não há se quer plaquetas de latão em homenagem aos craques que se tornaram vice-campeões em 1950 e 1998. Aos olhos da pátria humilhada, esses são piores que os eliminados já nas etapas iniciais de disputas anteriores. São os primeiros entre os últimos. Quase chegaram lá. Como poderiam ter sido

e não foram, produziram duas tragédias nacionais. Os vencidos do Maracanã sofreram a desonra e o desterro no próprio país. Os derrotados na França ainda não escaparam da cimitarra da CPI.

Se tal fenômeno se restringisse ao futebol, já seríamos patéticos. Nós nos tornamos ridículos ao estendê-lo a terrenos onde um segundo lugar deveria merecer fogos de artifícios, salvas de canhão e pelo menos ponto facultativo, se já houver feriados demais numa folhinha que concede quatro dias de folga por conta de São Jorge. No Brasil, medalhas olímpicas só valem um minuto da atenção popular se forem de ouro. Prata é encarada com alguma indulgência – na natação, no hipismo, no judô, no salto triplo ou em modalidades cujas regras a maioria desconhece. Bronze? Corre o risco de acabar em uma loja de penhores, a preço de bijuteria.

Mandam nossos usos e costumes que o vice valha um pouco mais que nada até na política, singularidade suficiente amalucada para justificar a mobilização de cientistas sociais, antropólogos, talvez psiquiatras e outros tipos de pesquisadores de diferentes sotaques. A República brasileira habituou-se a tratar o nº2 como um zero à esquerda. Mas aqui os vices, com muita frequência, assumem a Presidência e governam por meses, às vezes anos. Em 1891, o primeiro chefe de governo republicano, Deodoro da Fonseca, renunciou e foi substituído pelo vice Floriano Peixoto, que terminaria o mandato em 1894.

Foi mais que um acidente histórico. Foi um recado ao século seguinte. Mas continuamos agindo como se a mensagem nunca nos tivesse alcançado.

Na República Velha tivemos dois casos exemplares. Nilo Peçanha substituiu Afonso Pena em junho de 1909 e governou até 15 de novembro de 1910. Administrou a sucessão com a compostura possível. Em 1918, Delfim Moreira elegeu-se vice de Rodrigues Alves, que morreu antes da posse. Ele ocupou a cadeira presidencial oito meses, enquanto se cumpria a norma constitucional que resultaria na nova disputa, vencida por Epitácio Pessoa. Há evidências de que, tão logo assumiu o posto, Moreira foi acometido pela senilidade precoce que acabaria por matá-lo em 1920. Durante meses, enquanto

ministros tocavam as coisas da nação, a cabeça do presidente viajou por regiões insondáveis.

Depois da longa temporada no poder de Getúlio Vargas (que dispensou a figura do vice entre 1930 e 1945), a procissão de interinos e substitutos atingiu, em certos momentos, “ritmo de motel”. João Caffé Filho, Carlos Luz, Nereu Ramos, João Goulart. Os vices do período autoritário foram ou a farda sem neurônios ou o medo de terno e gravata. Encerrado o regime militar, vieram José Sarney (cinco anos) e Itamar Franco (dois). O atual governador de Minas foi eleito, na carona de Fernando Collor, depois de instituída a cédula que omite o nome do candidato a vice. Em 1994 e 1998, muitos votaram em Fernando Henrique Cardoso sem saber que estavam elegendo automaticamente Marco Maciel. Assim será neste ano.

Os nomes dos candidatos à Vice-Presidência não aparecerão nas cédulas. O currículo (ou prontuário, conforme o caso) de cada um não freqüentará as reflexões da maioria do eleitorado. Mas o parceiro do vencedor estará a um passo do Poder. É o Brasil.

MALANDRAGEM

Realmente o Brasil é o país dos contrastes. A economia brasileira varia da 8ª à 12ª (Segundo o economista Luiz Nassif – TV Cultura) do mundo enquanto o seu salário mínimo é um dos mais baixos do mundo. O brasileiro é um dos povos mais pacatos do mundo, em compensação a violência com morte daqui só perde para a Colômbia que há anos está numa guerra civil. Nosso baixo nível educacional e científico é outra realidade conhecida, porém poucos brasileiros sabem que a FAPESP tem tem mais de 400 projetos de pesquisa de ponta em diversas áreas do conhecimento e está em segundo lugar no mundo. Mania d grandeza não nos falta, temos a maior hidrelétrica do mundo em funcionamento, o Maracanã continua o maior do mundo, no futebol continuamos o melhor do mundo. Nossa medicina é respeitado mundialmente assim como nossa música. Além

disso entender a maneira de ser do brasileiro não é tarefa fácil. O autor ROGER BASTIDE (Brasil, terra de contraste) assim declarou:

“O sociólogo que estuda o Brasil não sabe mais que sistema de conceitos utilizar. Todas as noções que aprendeu nos países europeus ou norte-americanos não valem aqui. O antigo mistura-se com o novo. As épocas históricas emaranham-se umas nas outras. (...) Seria necessário, em lugar de conceitos rígidos, descobrir noções de certo modo líquidas, capazes de descrever fenômenos de fusão, de ebulição, de interpenetração, noções que se modelariam conforme uma realidade viva, em perpétua transformação. O sociólogo que quiser compreender o Brasil, não raro precisa transformar-se em poeta” (Bastide 1978 pág. 9).

No texto o autor se vale das noções de identidade, malandragem e pensamento social brasileiro, para mostrar como é inerente à função social de algumas idéias variar, no espaço e no tempo, de acordo com os interesses dos grupos sociais para cujo atendimento elas foram construídas. Utilizando exemplos reticados do pensamento social, de música popular e de futebol, examina como estas idéias oscilam entre o máximo da positividade e o extremo da negatividade. Termina sugerindo que isto reflete as ambiguidades da mentalidade brasileira que, em um momento, inveja o modelo das sociedades centrais e rejeita os elementos de nossa formação histórica, como algo que nos envergonha; em outro momento, valoriza talvez exageradamente algumas de nossas características, como algo absolutamente original, que nos orgulha.

Malandragem em registro de dicionário, além de significar de modo genérico um bando de malandros, se refere à qualidade, aos atos ou ao modo de vida do malandro. Por sua vez, a palavra malandro é derivada de malandrim, variação de malandrino, proveniente do italiano, cuja tradução é precisamente salteador. Para além das origens, os sentidos que a palavra ganha no Brasil são:

- 1- indivíduo que abusa da confiança alheia.
- 2- Indivíduo que não trabalha e vive de expedientes

- 3- preguiçoso
- 4- ladrão
- 5- esperto, vivo, astuto, matreiro.

A malandragem torna-se objeto, de reflexão da análise sociológica desde o livro *Memórias de um Sargento de Milícias* do autor Antonio Candido. Para esse autor o personagem “Leonardo” foi o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira.

A figura do malandro, que não se confunde com a do pícaro espanhol e assemelha-se à do TRICKSTER de todos os tempos, se perde na tradição dos contos populares encontrável em todos os folclores, servindo no caso para representar a atmosfera burlesca do Brasil de D. João III.

O parentesco original entre música popular e malandragem remonta o século XVI com Francisco de Vacas, segue no século seguinte com Domingos Caldas Barbosa.

A partir de 1920 o tema segue usado até 1950. Nos anos 1970 segue com mais análises.

De modo geral destacam-se dois pontos, naturalmente relacionados: o músico como malandro e o malandro como tema de música.

No tempo do Império, o homem livre, nem senhor, nem escravo, é o agregado vivendo de favor, este é retratado na literatura. Nos primeiros anos do século XX este legado da estrutura de classes dicotômica da escravidão se traduz no desprezo ao trabalho, tarefa do escravo. Mas nesta nova ordem, nesta passagem do mundo rural e agrário ao contexto urbano e de nascente industrialização, surge a necessidade de constrição da mão-de-obra, desafeita ao valor do trabalho.

Na Revista *Universa* nº4, Florestan Fernandes diz que as sequelas da integração do negro na sociedades de classes, explica a resistência ao trabalho dessa gente que não via sua finalidade moral ou prática. No interstício entre o capital e o trabalho surge o espaço

do malandro. O compositor popular urbano localizado nesse espaço, capta com intuição a pouca vantagem do trabalho e exalta a malandragem como possibilidade de liberdade e prazer.

O encontro no Rio de Janeiro entre intelectuais e sambistas em 1930, dão as condições de eleger o samba e a malandragem como símbolos nacionais. O surgimento da indústria cultural através do rádio e do disco também colabora. Se não bastasse, mais tarde já no contexto dos esforços norte-americanos de assegurar uma aliança continental, ocorre também a participação de Hollywood, cujos principais exemplos são os casos de Carmem Miranda e da figura do Zé Carioca criado pelos estúdios Disney.

É um momento de valorização da nossa ginga, do nosso jeitinho, da nossa originalidade. A capacidade de se safar de situações difíceis é um modo de driblar uma estrutura na qual ainda predominam a favor, o apadrinhamento e a relação pessoal sobre as normas universais de conduta. Isto é, valorizado, ganhando expressões emblemáticas no futebol e em outras áreas em que a habilidade tornou-se motivo de orgulho patriótico. No momento da repressão do AI-5, a malandragem serviu para discurso cifrado para driblar a censura e a repressão.

Segundo matéria da *Veja* (10/01/96) o brasileiro não está entusiasmado com o enaltecimento com a malandragem.

Segundo a *Folha de São Paulo* (22/05/97) a política e malandragem têm um nexo profundo desde Maquiavel, o que se aplicaria à crítica do panorama político brasileiro atual.

A malandragem, assim como a preguiça, a cordialidade, a tolerância, o jeitinho, e a tristeza, foram ou têm sido alguns dos atributos aplicados para qualificar o modo de ser do brasileiro. Do mesmo modo que a feijoada, o carnaval, a mulata, o samba, a cachaça e o futebol foram elementos da cultura popular apropriados pelas elites para forjar símbolos nacionais. Tudo se juntando para resultar na idéia geral do paraíso tropical, indolente e amável, bonito por natureza. Natureza exuberante e rica que é a garantia de nosso grande

futuro. Lugar de uma gente mestiça. Mestiçagem que também oscila em seu valor ora é nosso mal, obstáculo definitivo para se alcançar os padrões de modernidade, ora é nosso grande trunfo, riqueza a ser descoberta, originalidade que nos faz únicos entre as nações.

ADMINISTRAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO ESPORTE

O Brasil, um dia, foi considerado o país do futebol, e realmente foi o país do futebol, talvez até por vários dias.

Depois de conquistar o TRI Campeonato Mundial de Futebol em 1970 no México, onde o Brasil simplesmente ensinou o mundo a jogar futebol, inexplicavelmente só decaiu chegando ao estado lastimável, tendo que sofrer para ganhar do Equador. Não ganha a Copa América e por pouco não passou nas eliminatórias da Copa do Mundo dos Estados Unidos.

De quem é a culpa? O principal é o dinheiro. A crise econômica do País tem grande culpa na decadência do futebol e dos demais esportes brasileiros. Pois os clubes não têm estrutura para segurar os craques, pedem muito dinheiro na hora de renovar um contrato. A alternativa é vender o jogador para os empresários que os levam para o exterior. Uma vez os melhores jogadores atuando no exterior, não podem ser observados pelos técnicos e aí são chamados de incompetentes. O técnico aí não pode fazer nada e é o principal causador do fracasso.

Um jovem talento ou craque que se destaca numa categoria juvenil ou inferior, já está na mira dos empresários que logo o levará para a Europa ou outro lugar do mundo. Esse tipo de coisa não acontecia antigamente, porque não havia ganância exagerada pelo dinheiro. Naquela época existia mais amor à camisa e não havia “atravessadores” nos contratos. Se isso empobrece a qualidade técnica dos gramados, quadras e piscinas o público não comparece para assistir, daí entra num círculo vicioso. Quando existe crise no esporte, a mídia dos meios de comunicação tratam nos noticiários esportivos com notícias

ruins. Fala sobre eleições nas Federações ou Confederações ou mesmo dos clubes. Fala da queda do técnico, a troca da comissão técnica, os clubes brasileiros que não cedem jogadores para a seleção.

Existe dirigentes que podem ser intitulados de mercenários, pois além de não fazerem nada pelo esporte, ainda subestimam o trabalho do técnico, pois exigem na convocação quem deverá ser titular e quem será reserva. Se esses cartolas escalam, convocam e alteram o time ou seleção da maneira que desejam, pra que existe o técnico? Só para ficar sentado no banco de reservas recebendo todas as culpas e sendo xingado pela torcida. Nesse caso o técnico torna-se um serviçal da estrutura, mesmo que tenha um bom currículo e experiência. Se esse profissional qualificado, com comando na equipe não consegue se manter, imaginemos tudo isso na mão dos cartolas que não entendem nada de administração esportiva.

Enquanto as confederações faturam dólares, os atletas arriscam suas pernas e mãos colocando o prestígio do esporte brasileiro em jogo. Quase sempre enfrentam adversários mais organizados e melhor treinados. Perdem e acabam sendo ridicularizados por uma imprensa que não enxerga os verdadeiros objetivos dessa maratona inconseqüente.

Lá fora o esporte é tratado como coisa séria. É dirigido profissionalmente, por gente capaz e sem segundas intenções, o que não ocorre com os cartolas brasileiros que se preocupam com promoções próprias.

Uma iniciativa produtiva a ser tomada, poderia ser feito a partir de um trabalho específico em todas as categorias inferiores em qualquer desporto, depois do ensino, selecionar um grupo e trabalhar dando continuidade e com intercâmbio das comissões técnicas de todas as categorias até chegar ao adulto. Aí sim o resultado aparecerá.

A crise do esporte brasileiro especialmente o futebol revela como os dirigentes são despreparados. Eles são levados ao poder por circunstâncias alheias à sua competência administrativa. Serve apenas como “status” ou para saciar vaidades e oportunismo pessoais. Basta ter dinheiro, para tirar os clubes da falência.

É mais importante ser campeão do que tornar o clube uma empresa sólida e lucrativa. Como os clubes são entidades sem fins lucrativos, os dirigentes se escondem no falso amadorismo para justificar os seus erros. Na verdade, temem que a obrigação de se tornar um clube-empresa, venha expor sua verdadeira casa: a da completa falta de capacidade para direção do esporte.

Enquanto na Europa os torneios e campeonatos estão voltados para o faturamento dos clubes, aqui o pensamento é diferente. As federações fazem campanha política. Em troca de voto pela inclusão dos pequenos times nos campeonatos, perpetuando-se assim no poder. Estes dados são resultado de uma coletânea dos noticiários esportivos. Programa Cartão Verde da TV Cultura, CBN Esporte Clube da rádio CBN – FM, artigos do jornalista Jorge Kajuru e da rádio clube paranaense.

COMO SÃO OS DIRIGENTES QUE DOMINAM O FUTEBOL NO BRASIL

Eis aqui sete casos típicos de “cartolas” que se beneficiam do esporte, que já foi a maior paixão dos brasileiros:

- 1) Marionetes – são levados ao poder para atender a interesses de terceiros, impossibilitados, por algum motivo oculto de assumir o posto;
- 2) Carreirista – tem como meta, fazer do cargo uma profissão, mesmo que para isso fuja dos interesses dos clubes;
- 3) Bicheiros – são contraventores suspeitos de usar o esporte, para lavar o dinheiro do jogo do “bicho” ou para satisfazer a sua clientela;
- 4) Mafioso – é aquele capaz de fazer qualquer coisa pelo seu clube, mesmo que tenha que passar por cima de regulamentos e leis;
- 5) Pára-quedistas – ricos, são convidados a assumir clubes individualmente e à beira da falência, sem nunca ter sonhado em ser dirigente;

6) Apaixonados – são vestígios da época do amadorismo puro que aparentam não ter interesses outros a não ser despejar dinheiro do próprio bolso para ver seu time campeão; e

7) Políticos – usa o futebol para influenciar os eleitores e fazer carreira política.

Estes setes nomes foram coletados na imprensa falada e escrita, os significados poderão ser diferenciados conforme o conceito de cada leitor.

ESTRURA DE PODER NOS CLUBES

Presidentes – os mandatos variam de 2 a 3 anos. Há dirigentes que se perpetuam no poder por décadas. Contrata e demite a vontade, sem a obrigação de prestar contas a ninguém. Vive, na maioria dos casos, da conquista de títulos. Não é preciso experiência ou capacidade comprovada no ramo.

Vice-Presidente de Futebol – alguns clubes adotam este cargo. Há quem tenha poder sobre as decisões relativas ao time de futebol. Outros são meramente vices.

Diretor de Futebol – exerce grande influência sobre o técnico. Faz o papel de padrinho dos jogadores. Geralmente, por ser um homem rico, faz empréstimos pessoais e trabalha até como assistente social dos atletas.

Conselheiros Vitalícios e Beneméritos – Há clubes em que as eleições presidenciais se revezam entre sócios e conselheiros. Quando cai nas mãos dos conselheiros, os mais antigos manipulam votos no conselho deliberativo, tendo uma força de liderança decisiva.

Membros do Conselho Deliberativo – na maioria dos casos, tomam decisões administrativas no clube. Estudam as contas da diretoria. São eleitos pelos sócios em chapas que determinam o presidente do clube.

Sócios – raros são os clubes que fazem eleições diretas para presidente. Geralmente, os sócios elegem chapas de conselheiros, que se comprometem a eleger um determinado à presidência.

Técnico – sua força se restringe ao time de futebol, ou de sua modalidade. Não é ouvido para discutir fórmulas. Vive de resultados.

A HIERARQUIA NO FUTEBOL BRASILEIRO

CBF – é a entidade máxima no país. Administra o campeonato brasileiro e a seleção nacional. É uma instituição privada, filiada a FIFA.

Federações Estaduais – sua principal função é eleger o presidente da CBF. Defender campeonatos regionais deficitários para os clubes, mas rentáveis para essas entidades que desfrutam de cotas nas arrecadações e são intermediários na venda de direitos milionários de transmissão de jogos pela TV.

Clubes – mantém a velha estrutura do amadorismo. São submissos ao poder das federações. Aceitam fórmulas de campeonatos previamente deficitários com receio de, no futuro, serem prejudicados pelas arbitragens ou pelos Tribunais de Justiça Desportiva, órgãos ligados diretamente à presidência das federações. São contra a profissionalização para manter em sigilo negócios nebulosos, como venda de jogadores ao exterior.

Ligas Amadoras – são sustentáculo político das federações. Elas têm o mesmo direito de voto nas eleições que um grande clube. Trocam votos por bolas, camisas e qualquer coisa desse tipo.

ANATOMIA DA CRISE

Alguns dos dez pontos a seguir foram coletados dos noticiários esportivos falado. Os significados variam de acordo com o conceito dos leitores.

Os problemas mais sérios do futebol brasileiro são:

Cérebro – A CBF não consegue pensar em soluções para o futebol, ao contrário, parece afetado por tumor maligno.

Pulmão – o público foge dos estádios, minando a capacidade respiratória dos clubes, cada vez mais deficitários e fadados à falência.

Coração – a qualidade dos jogadores, fator indispensável ao bom funcionamento de toda estrutura, está cada vez pior. Os bons talentos são raros hoje em dia.

Braço Direito – os técnicos, que deveriam sair em resgate ao futebol espetáculo, estão cada dia mais medrosos e preocupados em não perder o emprego. Com poucas exceções, defendem sistemas defensivos e incentivam a violência.

Braço Esquerdo – a perda de craques para o exterior tem salvado os clubes da falência, mas desestimulam o torcedor a ir ao campo.

Espinha Dorsal – sem um trabalho eficiente nas divisões inferiores, não é possível manter o nível de jovens talentos.

Perna Direita – é um dos sustentáculos do futebol, a justiça desportiva é lenta, e na maioria dos casos, omissa em punições exemplares. Incentivam os clubes a buscarem soluções na Justiça Comum.

Perna Esquerda – a capacidade dos árbitros de coibir a violência e aplicar corretamente as leis estão deixando o futebol manco. Falta independência e um tribunal só para árbitros.

Estômago – está embrulhando pelos interesses maléficos das Federações estaduais, responsáveis por campeonatos sem interesse algum.

Vírus – a violência das torcidas organizadas e a violência dentro de campo é um grande mal.

Mas não é só no Brasil que vemos más administrações, subornos, escândalos no esporte. Quem diria na cúpula do esporte mundial mais precisamente no Comitê Olímpico Internacional esteja o exemplo mais cruel e nefasto que está destruindo o ideal olímpico no mundo.

Em 1987 em Roma, no final do campeonato mundial de atletismo, cuja Federação de Atletismo Italiano estava sob a presidência do italiano Primo Nebiolo. Este cidadão

também presidia o Esporte Universitário Mundial e a Federação Internacional de Atletismo.

Se não bastasse todos estes postos na carreira desse italiano, eis que surge a vaga para a presidência do Comitê Olímpico Italiano. Sendo que ele já ocupava a vice-presidência. Essa presidência controla um orçamento anual de 750 milhões de dólares e o atletismo é um dos esportes mais importantes nas olimpíadas. Somente 39 presidentes de federações italianas poderiam votar. Primo Nebiolo montou um grande esquema e entrou na briga na referida eleição.

Uma semana antes da eleição, estourou o escândalo do saltador italiano chamado Evangelisti na prova do salto em distância.

No último salto Evangelisti saltou 8,38 metros na medição oficial. Conseguindo a medalha de bronze para a Itália.

O escândalo do saltador Giovanni Evangelisti se deu em represália ao primeiro campeonato de atletismo INDOORS (pista coberta) em Indianapolis nos Estados Unidos. A delegação italiana voltou amargurada de lá pois os juizes norte americanos invalidaram o último salto do italiano Evangelisti. Os italianos ficaram revoltados e convencidos de que sua medalha de ouro lhes fora roubada. O incidente abriu uma ferida que jamais cicatrizara.

Os juizes para a prova do salto em distância, foram escolhidos a dedo na cidade da Sicília na última hora. Contrariando a lista original não foi justificado o por que da troca. Ali foi feita a conspiração para que Evangelisti conseguisse a todo o custo uma medalha. A trama foi descoberta e na verdade a marca verdadeira do salto foi 7,90 metros.

Acontece a eleição e Nebiolo perde por 26 a 13 votos. Após muita insistência, Nebiolo sede e o Conselho da IAAF decide por unanimidade anular o sexto salto do Evangelisti mudando de 3º para 4º lugar. Não ficou claro se o atleta Evangelisti era totalmente inocente na conspiração ou não.

Outro escândalo nas Olimpíadas é o doping. Cerca de 2 mil atletas foram escolhidos para testes anti-doping sofisticados na Olimpíada de 1992 em Barcelona. Há fartos motivos para preocupações com o tratamento dado pelos dirigentes esportivos internacionais nos testes anti-doping.

O fato brutal é que há anos se sabe, dentro do clube, que testar atletas no dia da competição é praticamente perda de tempo e dinheiro. Quem toma drogas recebe a orientação profissional, por parte de médicos e técnicos, sobre o tempo necessário para eliminar os traços de substâncias em seu corpo. Só um irresponsável, ou Ben Johnson, que assumiu um risco calculado de que seu último programa de esteróides seria eliminado antes de Seul, é flagrado.

O único método aceitável para impedir o doping é o teste aleatório. Só o medo acaba, pois a qualquer momento durante treinos e competições uma equipe de testes pode aparecer e flagrar os trapaceiros.

Existe a possibilidade de federações nacionais e internacionais além de ignorarem, abafar resultados positivos, funcionem como traficantes fornecendo esteróides para seus times.

No caso de Bem Johnson, foi iniciativa do governo canadense investigar o fato. Nomeou o chefe da justiça Charles Dubin, sua mente independente e clara de jurista desmascarou anos de hipocrisia sobre o assunto.

As Olimpíadas ainda oferecem uma oportunidade única: o prospecto de um mundo melhor, enquanto os jovens competem juntos e em liberdade, honestamente, a cada quatro anos. Que competir é tão importante quanto vencer significa mais que um clichê esportivo, trata-se de um ideal, a base para uma vida democrática.

Juan Antonio Samaranch (Espanha) é o presidente do Comitê Olímpico Internacional. Primo Nebiolo comanda o atletismo que é o esporte chave das Olimpíadas e é o terceiro dirigente em importância dentro do Clube de Lausanne (sede do COI). O segundo dirigente em importância é o brasileiro João Havelange.

Samaranch e Nebiolo carregam a maior responsabilidade pela transformação de um festival para amadores num espetáculo profissional de show-business.

O esporte amador tem a ver com a participação honesta, como valor intrínseco; a variante profissional cuida em ganhar dinheiro, vencendo a qualquer custo, aceitando a manipulação dos empresários. Pode ser até gostoso, tem de ser lucrativo, mas ético e democrático não é.

Eles lideram o processo de leilão do esporte, e da antiga pureza dos cinco anéis para quem oferecesse mais. Fizeram discurso sobre a ameaça das drogas, mas na hora de tomar medidas efetivas não o fazem porque não querem desagradar os patrocinadores. O tempo inteiro sabiam que os desonestos escapavam aos testes. Eles ocupavam o Olimpo do poder há 23 anos, no total. O esporte não pode mais suportá-los.

A única diferença que os separa é quem ficará com o controle absoluto.

Muitos observadores, fora da complacência do clube, acreditam que houve concessões em demasia para os meios de comunicação e as multinacionais.

Os espectadores e participantes nunca foram consultados sobre os “instrumentos de comunicação” e “categorias exclusivas” do merchandising dos produtos. Os telespectadores do mundo inteiro acreditam cada vez mais que as estrelas são drogadas, transformadas artificialmente em campeões químicos.

No desespero por mais dinheiro, mais benefícios, mais hora de televisão e mais recordes duvidosos, os direitos e preocupações fundamentais de uma maioria silenciosa, mundial, fora do clube, são ignoradas.

Samaranch tem o poder de excluir os criadores de problemas potenciais dos pináculos da decisão do clube. Membros ambiciosos do COI, sonhando em suceder Samaranch, arriscariam tudo enfrentando-o em público ou particularmente. Correm o risco de exclusão dos comitês importantes, onde podem adquirir o prestígio que lhes garantirá votos no futuro.

Os menos ambiciosos se contentam em participar do clube e desfrutar das mordomias. Isso explica a situação notável de uma entidade com 94 membros e nenhuma dissidência pública.

As mordomias de Barcelona estiveram ao alcance de um terço dos membros do COI originários de países com pouca ou nenhuma tradição democrática ou esportiva. No geral, homens, pois o COI moderno conta com apenas sete mulheres. Nisso ele repete o esquema de muitas federações esportivas internacionais, onde não há espaço para o sexo feminino.

Mais da metade dos atuais membros do COI foi nomeada por Samaranch, um político profissional que nunca enfrentou uma eleição democrática, com uma visão de mundo forjada a partir de uma ideologia repressiva e desacreditada. Isso deveria preocupar os líderes do esporte mundial, que nesta virada do século podem herdar um movimento desprestigiado.

Para os membros do COI, seus cargos vitalícios podem parecer paraíso na terra. É só pensar no que desfrutam. Em 4 anos a quatro sessões. Nos anos olímpicos, a sessão se realiza junto com os jogos, e o festival de mordomias dura de uma a três semanas. Com o novo ciclo de dois anos, alterando jogos de verão e inverno, aumentarão as viagens para as dez cidades candidatas, que os cobrirão de gentilezas. Ademais, muitos pertencem a comissões com nomes pomposos. Isso rende mais algumas rodadas de viagens de primeira e hospedagem em recantos exóticos do planeta.

Há uma comissão para elegibilidade dos atletas, e sua tarefa é encontrar maneiras de agradar as companhias de televisão, admitindo cada vez mais profissionais nos jogos “amadores”.

Há também uma comissão atlética e outra para imprensa e televisão. Existe comissões para assuntos culturais, médicos, apartheid, finanças, novas fontes de recursos para o esporte, e esporte para todos. A lista continua: comissões para o programa olímpico, mais duas para preparar os congressos olímpicos e para a coordenação de jogos.

Alternativamente, os membros podem entrar para as comissões de preparação de jogos, ou para os dois conselhos. Um para o movimento olímpico e outro para as condecorações olímpicas. Este último Samaranch é o comandante.

A menos cruel de todas as comissões é a da Academia Olímpica Internacional. A bizarra instituição reúne-se na Grécia, e seus membros e convidados dedicam-se a sérios debates sobre a filosofia do olimpismo. Um dos baluartes desta comissão, que ajuda a desenvolver teorias sobre a pureza do ideal olímpico, é Abdul Muttaleb Ahmad, assistente pessoal do falecido xeique Fahd do Kuwait, que manobrou para assegurar a “eleição” de Ahmad filho do xeique para a presidência do Conselho Olímpico da Ásia.

A mais importante politicamente é a comissão de solidariedade, encarregada de distribuir os lucros dos jogos para criar condições de prática esportiva em todo o mundo. Samaranch em pessoa a preside. As informações acima estão contidas no livro Os Senhores dos Anéis.

MEMBROS DO COI

Os membros do COI levam o protocolo a sério, existe uma ordem de precedência, começando com os membros mais antigos. Os primeiros 14 membros são vitalícios. As regras mudaram, exigindo a renúncia dos membros aos 75 anos. Eles se tornam membros honorários, sem direito a voto.

Os 93 membros tem uma média de 62 anos. Há sete mulheres. Na época de edição deste livro (1992) havia uma vaga, aberta com a renúncia do norte americano Robert Helmick. A questão dos membros da extinta URSS ainda não foi definida.

Em 1994 o movimento olímpico reuniu-se em Paris para celebrar seu centenário. Pode ser a chance de renovação.

Se o mundo enviar suas delegações dos comitês de instruções estritas de insistir num debate amplo, sobre ao modo como o esporte amador pode ser reorganizado mais democraticamente, os ideais talvez sejam ressuscitados.

Até agora as possibilidades são remotas. A carta Olímpica indica claramente as regras para a realização do Congresso de Paris: “O presidente do COI deve presidir e determinar os procedimentos. O Congresso Olímpico tem caráter consultivo”.

Isso não basta. Se o líder preside, temos a garantia da manutenção do status quo e dos elogios à sua pessoa. Está na hora de superar o COI e montar outra estrutura para organizar os festivais esportivos.

CONCLUSÃO

A impressão que se tem após a reflexão do presente trabalho, aponta para fazermos algumas conclusões e considerações.

A primeira delas é que precisamos urgentemente de maior e melhor qualificação e profissionalização para todos os componentes de uma comissão técnica, dirigentes, jogadores e árbitros, na maioria dos modalidades desportivas brasileiras.

A Segunda diz respeito a nossa Justiça Desportiva. Ela está debilitada e precisa de um número maior de componentes devidamente habilitados e especializados, ser mais atuante, sob o risco de ir parar tudo na Justiça Comum, os conflitos e demandas do campo da Legislação Desportiva.

A terceira temos a dizer o fenômeno da malandragem não é exclusivo do Brasil nem da América, mas é, também colocado a nível mundial na FIFA, no COI e principais Federações Internacionais.

Aqui no Brasil se verifica uma tendência nem que seja sazonal no sentido de melhorar o quadro caótico existente não só no plano esportivo, mas de um modo geral e abrangente em vários segmentos da sociedade verde-amarela.

Temos observado o início dessa caminhada nessa direção. Ultimamente tem ocorrido fatos inimagináveis até bem pouco tempo atrás. Assim é que vários jogadores profissionais de futebol conseguiram na Justiça Comum o seu esperado passe livre. Uma histórica assembléia do Conselho Deliberativo do C.R. Flamengo, destituiu seu presidente Edmundo S Silva, por corrupção e má-gestão dentro do clube. Jogadores do Fluminense Carioca, entraram em greve por reclamação de 3 meses de salários atrasados.

Clubes considerados pequenos estão fazendo sucesso entre o clube dos 13 de futebol.

É o caso do São Caetano, Juventude, Atlético Paranaense e o Paissandu de Belém, novas forças emergentes bem administradas, trabalhando sério estão entre os primeiros do Brasil.

Excessivas brechas na lei, falta de fiscalização, impunidade, sede a ganância de lucro fácil e rápido, não são desculpas suficientes para garantir a tranquilidade de ação daquelas pessoas do mal que se aproveitam do esporte. Nossa visão crítica aponta como a falta de moral e ética o problema mais ácido e crítico nessa conjuntura atual.

Não basta apenas a profissionalização das pessoas que lidam diretamente com o esporte, é preciso também uma conscientização e observância dos valores éticos-morais da sociedade como um todo.

Leis e códigos existem, só que não são cumpridos. Assim deve ser para todos os poderes, Executivo, Legislativo e Judiciário. Não esquecendo que a imprensa mais o Ministério Público Federal pela força que têm representado “o quarto poder”, não podem ficar alheia a esse processo.

Sabemos que a ética e a moral se dá e acontece através dos usos e costumes, então é um processo de médio e longo prazo. É preciso cada vez mais a mobilização e a participação de toda sociedade, fazendo um verdadeiro mutirão e decidindo realmente em querer mudar o quadro vigente.

Ao nosso ver, o caminho a ser trilhado e perseguido é através da moralização Política, da Economia, da Administração e da Legislação.

As armas, o combustível e o caminho certo para achar a chave do problema, se resume em duas palavras DEMOCRACIA e INFORMAÇÃO. Quando estas estiverem ao alcance da mão da maioria da população, a situação será bem outra para todos os brasileiros desportistas ou não.

Não é por acaso que os sete países industrializados investem pesado na educação, no conhecimento e na democracia.

Por isso, hoje estão onde estão, inclusive no esporte, Imaginem uma olimpíada sem esses países competindo. Resumia apenas um torneio qualquer, certamente. Os sete grandes não são grandes somente na indústria ou no comércio. Desenvolveram-se também na educação, na cultura, no lazer, no esporte, na legislação, na administração.

Concomitante a isso tudo, estava sendo levado a sério e observado a moralização e a ética no seu dia-a-dia em todas as relações entre sua população.

Especificamente no esporte brasileiro ou mundial, o homem para se organizar desportivamente montou um Sistema de Estruturas e com o decorrer do tempo, esse Sistema foi “contaminado” pelo mal da desonestidade e irresponsabilidade e agora fez o homem refém da própria Estrutura montada por ele próprio.

BIBLIOGRAFIA

- 01 CRATTY, Bryni J. Psicologia no Esporte. Editora Prentice. Hall do Brasil Ltda, Rio de Janeiro, 1984.
- 02 DAIUTO, Moacir. Basquetebol Manual do Técnico. Cia. Brasil Editora, São Paulo, 1972.
- 03 EITER, D. e outros. Fisioterapia Nos Esportes. Manole, São Paulo.
- 04 PAIOLI, Caetano Carlos. Brasil Olímpico. Imprensa Oficial do Estado S.A, IMESP, 1985
- 05 SANTIN, Silvino. Educação Física. Uma Abordagem Filosófica da Corporeidade. Livraria Unijui. Editora, 1988
- 06 SIMSON, VYV e JENNINGES, A. Os Senhores dos Anéis. Editora Best Seller, 1992
- 07 REVISTA UNIVERSA, Puc Brasília. Vol. 8 nº 04. Dezembro 2000.
- 08 A ARTE E A TÉCNICA DO FUTEBOL, Waldemar Graciano. Editora Pr. São Paulo 1984
- 09 REVISTA PLANETA, nº 44. Junho 2002
- 10 JORNAL LANCE PARANÁ, nº 1666, 25/05/02. Ano 5.
- 11 REBELO, Aldo e TORRES. CBF-NIKE
- 12 BASTIDE, Roger. Brasil, Terra de Contrastes. Editora Difel, 1978
- 13 JORNAL DO BRASIL , 20/05/02.
- 14 Relatório da CPI do Senado.
- 15 VIANA, Eduardo, O Poder no Esporte. Editora Sprint, 1994
- 16 ALMEIDA, Lori Edson, apostila, Ética e Profissão no Esporte. Universidade do Esporte.